



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA - DH**

WILANA FERREIRA RODRIGUES

**MEMÓRIAS DE UM MILITANTE MOSSOROENSE: A TRAJETÓRIA DE BANGU E
A INSURREIÇÃO COMUNISTA DE 1935**

**CAMPINA GRANDE
2023**

WILANA FERREIRA RODRIGUES

**MEMÓRIAS DE UM MILITANTE MOSSOROENSE: A TRAJETÓRIA DE BANGU E
A INSURREIÇÃO COMUNISTA DE 1935**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Me. Josilene Pereira Pacheco

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696m Rodrigues, Wilana Ferreira.

Memórias de um militante mossoroense [manuscrito]: a trajetória de Bangu e a insurreição comunista de 1935 / Wilana Ferreira Rodrigues. - 2023

42p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação, 2023.

"Orientação: Pr. Me. Josilene Pereira Pacheco, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

**1. Insurreição comunista. 2. Rio Grande do Norte.
3. Biografia. I. Título**

21.ed. CDD 981

WILANA FERREIRA RODRIGUES

**MEMÓRIAS DE UM MILITANTE MOSSOROENSE: A TRAJETÓRIA DE BANGU E
A INSURREIÇÃO COMUNISTA DE 1935**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História.

Aprovado em: 01/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Josilene Pereira Pacheco

Profa. Me. Josilene Pereira Pacheco - UEPB
Orientadora

Noemia Dayana de Oliveira

Profa. Dra. Noemia Dayana de Oliveira - UEPB
Examinador (Interno)

Deise Silva Sousa

Profa. Me. Deise Silva Sousa
Examinador (Externo)

“A História simplesmente se repete. O que foi feito antes será feito outra vez. Nada debaixo do sol é realmente novo.”
(Eclesiastes 1:9)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB - Ação Integralista Brasileira

ANL - Aliança Nacional Libertadora

DESP - Delegacia Especial de Segurança Política e Social

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

DOPS - Departamento de Ordem Pública e Social

IC - Internacional Comunista

PC - Partido Comunista

PCB - Partido Comunista Brasileiro

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 MICRO HISTÓRIA COMO SUPORTE PARA ANÁLISE DE TRAJETÓRIA	08
3 BANGU E SUAS MEMÓRIAS DE MILITÂNCIA	14
4 A CRISE ECONÔMICA MUNDIAL DE 1929 E SUA REPERCUSSÃO NO BRASIL.....	16
5 ATUAÇÃO POLÍTICA E OS PREPARATIVOS PARA A INSURREIÇÃO COMUNISTA	18
6 A INSURREIÇÃO COMUNISTA E O RIO GRANDE DO NORTE COMO PROTAGONISTA (1935)	21
7 VIOLÊNCIA E OPRESSÃO: BANGU E A RESISTÊNCIA AO ESTADO NOVO DE 1937	25
8 A PRISÃO E OS DIAS DE TORTURA SEM FIM	28
9 CONCLUSÕES	31
REFERÊNCIAS	32
AGRADECIMENTOS	36

MEMÓRIAS DE UM MILITANTE MOSSOROENSE: A TRAJETÓRIA DE BANGU E A INSURREIÇÃO COMUNISTA DE 1935

MEMORIES OF A MOSSORO ACTIVIST: THE TRAJECTORY OF BANGU AND THE COMMUNIST UPRISING OF 1935

¹Wilana Ferreira Rodrigues

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da biografia de Lauro Reginaldo da Rocha ou simplesmente, Bangu, durante o Levante Comunista de 1935. A metodologia de pesquisa se baseou na análise do livro ²Bangu: memória de um militante, publicado pela primeira vez em 1992. Escrita pelo próprio Bangu, a obra se passa durante a Insurreição Comunista de 1935. Buscando analisar sua história como a complexidade de sua origem, militância e carreira política alcançada. Como referencial teórico utilizamos a micro história, alicerçados nos debates propostos por (REVEL,1998); (LIMA, 2006), e as discussões acerca da utilização de biografias como fonte para o historiador (MOTTA,2000); (GOMES,2004). Ressaltamos, como resultados, a importância da trajetória de vida de Bangu, para compreensão da Insurreição Comunista de 1935 no estado do Rio Grande do Norte.

Palavras chave: Bangu; insurreição comunista; Rio Grande do Norte; micro história;

ABSTRACT

The present work aims to study the biography of Lauro Reginaldo da Rocha or simply, Bangu, during the Communist Uprising of 1935. The research methodology was based on the analysis of the book Bangu: memory of a militant, published for the first time in 1992. Written by Bangu himself, the work takes place during the Communist Uprising of 1935. Seeking to analyze his history as the complexity of his origin, militancy and political career achieved. As a theoretical reference we use micro-history, based on the debates proposed by (REVEL,1998); (LIMA, 2006), and

¹ Concluinte do curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
e-mail: wilana.rodrigues@aluno.uepb.edu.br

² Informações complementares sobre a obra; Organizadora; Brasília Carlos Ferreira nasceu em Serra de São Bento, município do Rio Grande do Norte, em 06 de abril de 1951. Graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 1975. Três anos depois (1978), passou a integrar o quadro docente do Departamento de Ciências Sociais da mesma Universidade onde permaneceu, e passou a elaborar e organizar obras e pesquisas. Contando com as grandes vantagens oferecidas pela tecnologia, outra fronteira editorial se apresenta com uma significativa produção de e-books lançados pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN e acessíveis por meio do Repositório Institucional da UFRN, responsável pela publicação da obra de Bangu.

discussions about the use of biographies as a source for the historian (MOTTA,2000); (GOMES,2004). We highlight, as results, the importance of Bangu's life trajectory, for understanding the Communist Uprising of 1935 in the state of Rio Grande do Norte.

Keywords: Bangu; communist insurrection; large northern river; micro-history;

1 INTRODUÇÃO

Em 1935, os comunistas e capitalistas estavam em compasso a fim de conter o fascismo³ que avançava cada vez mais. No Brasil, Getúlio Vargas se inspirava com os discursos e modos de governo de Adolf Hitler e Benito Mussolini. Enquanto isso o Rio Grande do Norte se tornava um estado socialista em novembro do mesmo ano, durante três dias o estado ficou nas mãos de um governo comunista. Um sapateiro, um sargento, um carteiro, um estudante e um funcionário público tomaram o poder da capital e por consequência algumas cidades do interior. Autos- proclamados governos populares revolucionários. Um governo comunista inusitado de caráter militar e conservador, muitos são as narrativas do que foram esses dias, seja pelas próprias declarações do jornal da época ou dos discursos políticos, discutiremos os fatos narrados por uma história vista de baixo⁴, como diria (E.P. Thompson, 1998, *Costumes em comum*). Bangu, seu codinome, Lauro Reginaldo, mossoroense, militante, foi Secretário Geral diversas vezes do PCB (Partido Comunista do Brasil), lutou, protestou contra a opressão política, foi preso inúmeras vezes na luta contra a miséria e ditadura do governo Vargas. Sua paixão por Marx e luta pela classe trabalhadora é revelado paulatinamente durante sua biografia, como também sua triste narrativa, que mesmo diante de tantas tragédias, ele escreve de uma maneira que deixa claro sua paixão por sua própria trajetória. Entender os pensamentos e seus relatos sobre a Intentona de 35 no Rio Grande do Norte será objeto de discussão bibliográfica deste artigo. O surgimento de classes que não foram tratados pela historiografia até então, sendo inseridos como metodologia de pesquisa e ensino de modo a compreender a abordagem como instrumento analítico aplicável ao estudo histórico de determinada realidade, expor suas abordagens e os desafios teórico-metodológicos que a circundam. A pesquisa faz um levante biográfico sobre a definição da micro história e sua aplicação no campo teórico. Para em seguida, analisar algumas noções que remetem ao estudo do indivíduo, a fim de explicitar os benefícios que a abordagem oferece. Por fim, usamos como objeto de análise a vida de Bangu e seus relatos sobre a Intentona de 35, destacando a abordagem metodológica, ressaltando na prática os pontos em que o método se mostra um instrumento analítico.

³ Para entender melhor: Breve história da crítica marxista ao fascismo: disputas e elementos de análise (Antônio Gabriel Santana, Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Serviço Social, Florianópolis, SC, Brasil, Matheus Garcia, Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Educação, Florianópolis, SC, Brasil e Daniela Cristina da Silva Garcia, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, SC, Brasil).

⁴ E.P. Thompson historiador marxista que contribuiu para a elaboração da teoria da micro história escreveu o livro *Costumes em comum* estudo sobre a cultura popular tradicional, publicado em 1998. Nesta obra sobre história do trabalho, motins, radicalismo, crime, costume, lei, sedição e cultura populares, universos de pesquisa que formam o campo de estudos conhecido como "história vista de baixo", é a história do trabalhador comum sendo tratada como objeto de pesquisa.

2 MICRO HISTÓRIA COMO SUPORTE PARA ANÁLISE DE TRAJETÓRIA

Novos suportes metodológicos passaram a fazer parte da investigação e da prática historiográfica. Dentre tantos, surgiu pela primeira vez no ⁵México na década de 60 uma obra com o termo “micro história” em seu título, sendo usado como uma metodologia de pesquisa microscópica, que contava a história de indivíduos, do trabalhador comum, do cotidiano. O historiador San José de Gracia, utilizou a técnica científica quando se deparou com a necessidade de estudar a cultura e os costumes de sua vila natal, utilizando-se na maioria das vezes de fonte oral. Foi nas entrevistas, que se deparou com a carência metodológica de como tratar tais micronarrativas, ao que se tem registro foi o primeiro livro na América Latina com a nomenclatura, em seu título- Aldeia de Vilo: micro história. Para o historiador ao utilizar a micro história como suporte para sua pesquisa biográfica isso o permitiu abordar múltiplas questões sociais.

Por volta dos anos 30, na Europa, o pensamento marxista está em voga e questiona a historiografia tradicional, que abordava as macros histórias, narrativas controladas por uma burguesia, pela alta classe social, a interpelação de uma história positivista, sem aprofundar grandes análises de estruturas e conjunturas. Nessa contraposição surge uma instituição jornalística chamada ⁶Annales d’Histoire Économique et Sociale, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch. Ao longo de 1930 até 1945 temos o marco da primeira geração da revista que vai ficar conhecida como Escola dos Annales, inicialmente com a finalidade de se livrarem da escrita positivista usam as crônicas de acontecimentos uma abordagem que relata as mentalidades, as civilizações. Um método de cunho sociológico que investigava as estruturas de uma sociedade. Somente na segunda geração dos Annales é onde no aprofundamento desses métodos surge a abordagem do indivíduo dessas estruturas, é nesse contexto final dos anos 70 e início dos anos 80 que vai aparecer grandes teóricos da micro história como, Fernand Braudel e Lucien Febvre. Braudel conhecido por abordar novos conceitos de tempo, como curta e média duração, na obra “O mar mediterrâneo” faz uma ilustração, relacionando o mar mediterrâneo a macro história, uma história de longa duração, de abordagem geral, ele interpela que em uma mar tão vasto existem territórios inexploráveis, fazendo uma alusão ao fato da historiografia em uma abordagem geral ter defasagens, acabando assim, não abordando outras áreas, como a antropologia e sociologia. Nesse período a análise social estava em alta. E nessa crítica cita a abordagem do estudo do indivíduo. Era necessário inovar os modos de se fazer pesquisas, novas abordagens.

Nesse sentido, a Micro história nasceu em meio a uma crise na historiografia, como um novo âmbito de possibilidades. Nas palavras de Revel, “a proposição micro

⁵ Jaques Revel (2010) se dedicou aos estudos da obra do mexicano de título Pueblo em vilo: micro história de San José de Gracia, publicada em 1968. Responsável pelo surgimento do termo micro história.

⁶ A Micro história como metodologia no processo educacional: uma nova abordagem no ensino de história na educação básica. (Maria Renata de A. G. Teixeira Mestranda em Educação, Ensino e Humanidades Faculdade de Educação - UFMG).

A micro história como aporte teórico para os estudos em história da educação. (Alexandre Ribeiro Neto, Dr. em educação pela UERJ).

histórica, foi o sintoma dessa crise de confiança, ao mesmo tempo em que contribui, de maneira crucial, para formulá-la e precisá-la” (1998, p. 19).

Entretanto, Henrique Espada Lima não retém a micro história a um sintoma de insatisfação. Para o autor a micro história é para além disso, pode ser usada com a intenção de se fazer uma reflexão histórica, que é o objetivo do pensamento contemporâneo, que busca a mudança e evolução social, através de tais pesquisas que possam trazer contribuições para a sociedade.

A historiografia brasileira, também se interessou pela nova abordagem. No final da década de 1950 e início da de 1960, encontramos nos jornais declarações desse tipo: “A micro história reflete a macro história.” (A VOLTA..., 1958, p.02), “(...) a trama da micro história, tão importante para a grande História, como a microbiologia para a Biologia” (ATHAYDE, 1965, p.06). A adesão foi parte de um longo processo de debate, de como utilizar a recém-adquirida nomenclatura.

O termo micro história não se tem uma origem definida, a mais aceita academicamente é a Escola dos Annales - Segunda Geração na década de 70, mas como podemos perceber até aqui o termo sempre sondou o campo das ideias dos pesquisadores, cada um com uma interpretação bem semelhante, já que o termo micro induz ao desenvolvimento da abordagem científica, mas como veremos a seguir até os dias de hoje existem interpretações que divergem sobre o modo de aplicação da abordagem.

No Brasil pesquisadores como Carlo Ginzburg e Giovanni Levi são referência no campo acadêmico, na abordagem do micro história, na pesquisa da história da classe trabalhadora, em contraposição à história geral, contando os desafios e escassez enfrentados pela maioria da sociedade, traçando micronarrativas, trazem novos olhares a história geral e influenciam para a agregação da abordagem por parte dos pesquisadores.

Ginzburg acessou diversas outras questões sobre os limites da Inquisição quando analisava a vida do moleiro Menocchio que foi interrogado, torturado e morto na obra: Os andarilhos do bem. Giovanni Lévi do mesmo modo quando escolhe um povoado piemontês de Santana no século XVII, para abordar sobre o modo de vida do camponês pega uma trajetória pessoal a do padre Giovan Battista Chiesa desvenda traços típicos do Antigo Regime. (LEVI, 2000) Para Lévi, o estudo de trajetória de vida é concebido como uma maneira de abordar e compreender as redes de relações e a multiplicidade dos espaços em que o indivíduo estudado se articula, porém quando o atrelamos a micro história abordamos os particulares vividas pelo sujeito, possibilitando novas abordagens em relação ao macro.

Durante a década de 1970, nas páginas dos jornais brasileiros, há a menção de diversas teses e trabalhos que realizaram abordagens da micro história, como por exemplo, a do professor Fernando da Rocha Peres da Universidade Federal da Bahia, que nas próprias palavras do autor transcritas no jornal sua pesquisa “(...) trata-se de uma tese monográfica e descritiva dentro dos limites da micro história” (O PASSADO, 1973, p.04). A micro- história nesse período foi frequentemente usada como suporte teórico na produção de pesquisas acadêmicas. De acordo com Raphael Lino a utilização do novo método, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, estava relacionada com mudanças institucionais nas universidades, a

historiografia enquanto ciência buscava novas abordagens de investigação (LINO, 2017).

No livro - Domínios da História: ensaios de teoria e método, publicado em 2011, escrito por Ronaldo Vainfas e Ciro F. Cardoso. A obra discute a historiografia francesa e sua adesão nos modos de pesquisa brasileira abordando a tendência historiográfica conhecida no Brasil como História das Mentalidades. A similaridade entre a micro história e a História das Mentalidades permitiu que alguns pensadores chegassem a conclusão que uma era sinônimo da outra. Não é verdade! Em outro livro, publicado em 2002, Ronaldo Vainfas, num dos primeiros a escrever um ensaio no Brasil sobre a micro história, buscou desfazer esse equívoco.

Seja como for, a história das mentalidades que passou a reinar na historiografia francesa desde fins da década de 1960 tem sido caracterizada, precipitadamente, em função de seus temas e de seu estilo. [...] Quanto ao estilo, costuma-se realçar seu **apego à narrativa e à descrição em detrimento da explicação globalizante**. A adoção de **recortes histórico-antropológicos** e o **apego à narrativa** constituem, aparentemente, pontos de aproximação entre a micro história e a história das mentalidades. E sem dúvida o são, no sentido em que ambas tendem a eleger objetos pouco ou nada frequentados pela historiografia geral sobre países, espaços geográficos e grandes estruturas socioeconômicas ou políticas, além de preferirem **“contar a história”, valorizar enredos e personagens muitas vezes anônimos**. Mas esses pontos de aproximação não constituem, como veremos adiante, razões suficientes para dizer que uma é sinônimo da outra. (VAINFAS, 2002, p. 23-4).

Ronaldo Vainfas dispõe-se a desfazer tais equívocos. E de fato, alcança êxito. Em um de seus trabalhos com o título; ⁷Os protagonistas anônimos da História: micro história, ele examina esse gênero historiográfico, dirigido por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, vale ressaltar que ambos são referência na área da micro história; publicado pela editora Einaudi, entre 1981 e 1988. A obra trabalha os pilares básicos como: operação em escala de observação reduzida, exploração exaustiva de fontes, descrição etnográfica e preocupação com a narrativa literária. Pilares que são aplicados no desenvolvimento do método. Neste sentido, contempla, sobretudo, temáticas ligadas ao cotidiano, comunidades específicas, referidas geográfica ou sociologicamente, às situações-limite e às biografias ligadas à reconstituição de micro contextos ou dedicadas a personagens extremos, geralmente vultos anônimos, figuras que por certo passariam despercebidas na multidão. No primeiro capítulo do livro ele se preocupa em definir o que não é a micro história, evidenciando as razões pelas quais a prática micro analítica não pode ser definida apenas em função dos temas de pesquisa, mas sim em relação a seus objetos e às metodologias por ela utilizadas. No segundo capítulo ele mostra as linhagens dessa vertente historiográfica praticada por historiadores italianos, franceses, ingleses e norte-americanos, com ênfase no papel desempenhado pelos italianos. Resgatadas as origens teóricas, o autor parte para exemplos de autores que trabalharam a temática, como por exemplo a obra de O Queijo e os Vermes de Carlos Ginzburg, que tenta explicar o sistema econômico, político e religioso através do indivíduo trazendo muitas reflexões acerca da estrutura social, através do indivíduo. Dando continuidade, no quarto capítulo, com o título: A micro história nos

⁷Possibilidades no estudo de indivíduos: a micro história como aparato para analisar trajetórias. (Jéssica Santana de Assis Alves; Mestranda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

bastidores. Abordando o estudo do aparato conceitual empregado pelo micro história, a escolha de temas, a problemática da redução de escala na descrição densa, bem como a delimitação dos objetos de estudo em termos de espaço e de temporalidade. Conclui, com os contrastes entre as abordagens macrossociais e as micro analíticas, discute as possibilidades e os limites entre ambas, oferecendo ainda uma extensa bibliografia comentada, inclusive trabalhos de historiadores brasileiros, influenciando a maior pesquisa sobre o gênero. O desenvolvimento teórico de pesquisa explicitado por Vainfas será aplicado na microanálise deste artigo.

Podemos concluir que essa corrente historiográfica foi muito mal interpretada, ora tomada como história cultural, ora confundida com a história das mentalidades e com a história do cotidiano. Ou, então, percebida como expressão típica de uma história descritiva, de viés marcadamente antropológico, que renunciou ao estatuto científico da disciplina, invadiu o território da literatura, rompendo de vez as fronteiras da narrativa histórica com o ficcional. Pode-se até afirmar que na tentativa de entendê-la, ela se desenvolveu como uma ferramenta de múltipla utilidade, seja para aqueles que querem abordar como uma literatura, teoria ou método. Atualmente a micro história ainda carrega o estigma de história menor, atacada principalmente pelos defensores dos modelos macrossociais de análise.

Seja uma teoria ou um método seu acréscimo a historiografia é inegável, pois permite ao pesquisador a escolha de um novo aparato no processo de desenvolvimento de pesquisa, como indica Ginzburg, “A análise micro histórica (...) movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia” (1989, p.178). Ou seja, a micro história pode ser usada como suporte para o desenvolvimento de pesquisa científica em qualquer campo da História, como por exemplo, a Análise de Trajetória.

Dentro da micro história existem noções que remetem a análise de trajetória de vida. Na década de 1910, surgiu a ⁸Escola Sociológica de Chicago, ou Escola de Chicago nos Estados Unidos, fundada pelo historiador e sociólogo Albion W. Small. Eles utilizavam a metodologia da história de vida. A abordagem era a partir de entrevistas de caráter biográfico de temas diversos. Em 1920 o método foi deixado de lado e só foi usado novamente na década de 1970.

Segundo a professora Sandra Stoll da Universidade Federal do Pará em entrevista a revista Tribuna, esclarece sobre o surgimento e principais objetivos da Escola de Chicago, concluimos que ao abordar questões antropológicas e do desenvolvimento social da cidade, outras abordagens foram surgindo:

A Escola de Chicago? compreende o conjunto de uma produção, que abarca três gerações de cientistas sociais norte-americanos, estimulados por Robert Park, que realizaram uma série de estudos entre os anos de 1930 e 1950 sobre o que se apresentava à época como um novo fenômeno social: a constituição das metrópoles. Chicago despontou nesse cenário, nos Estados Unidos, **tornando-se por essa razão uma espécie de laboratório de pesquisa social**. A preocupação central da Escola de Chicago **voltava-se à dinâmica da vida social urbana**, sendo um de seus principais temas de reflexão **a questão da imigração** (principal fator de crescimento demográfico na época). A assimilação dos imigrantes de diferentes gerações na/pela

⁸ Um Minotauro às margens do lago Michigan: a Escola de Chicago enquanto objeto historiográfico. (Marcos Taroco Resende, Doutorando em Economia pelo Cedeplar/UFMG).

sociedade norte-americana era a principal questão em pauta, em função da qual **desdobram-se estudos sobre temas diversos: juventude, educação, desemprego, delinquência, criminalidade, etc.** A organização do **espaço urbano** também se destaca nesse contexto, tema que remete à discussão do espaço como espelho da lógica de segregação social: **o conceito de regiões morais**, proposto por Park, remete tanto a atividades, quanto a **populações discriminadas socialmente**.⁹(2023, Tribuna do Paraná, entrevistado pelo historiador Jorge Antônio de Queiroz e Silva é pesquisador e professor. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná).

Na abordagem de diversos pilares sociais, houve o enfoque biográfico, que trazia o olhar do indivíduo em comparação social, através das entrevistas foi observado que cada relato era diferente, e que em cada realidade tinha suas percepções diversas em comparação ao todo. A análise estava descolada do social, do contexto. As críticas aos estudos com enfoque biográfico foram surgindo com o tempo e umas das mais significativas é a produzida por Pierre Bourdieu no texto intitulado "A ilusão biográfica" (BOURDIEU, 1996). Nessa obra ele considera a história de vida como uma noção de senso comum que entrou como contrabando no universo científico e critica a ausência de uma conexão da vida estudada com as condições concretas em que ela se insere. Seria necessária uma análise microscópica para analisar tais indivíduos.

Bourdieu sinaliza a criação de uma ilusão biográfica, indicando que ao se fazer uma biografia deve-se situar os agentes sociais em seu grupo, de maneira a narrar a construção diacrônica da trajetória dos indivíduos. Deve-se levar em consideração as "diferentes estações do metrô, suas conexões". Nesse sentido, o fazer biográfico passou por reconfigurações, o biógrafo passou a atentar às dimensões sociais que circunscrevem o indivíduo estudado. Nesse sentido todo biógrafo ao contar narrativas se deparava com a micro perspectiva do sujeito, sua história poderia não ser igual a de todos, porém era generalizada, já que a análise era macro, e o objetivo a ser alcançado era uma análise social geral para se pôr como número de pesquisa, é somente na década de 70 que esses sociólogos, antropólogos e historiadores que compunham a Escola de Chicago sem perceber começaram a aderir a micro história ao contar e problematizar realidades que não eram analisadas pela academia, despertando um novo jeito de se fazer biografia.

Essas perspectivas perpassam também a trajetória, pois, segundo Bourdieu, não podemos compreender uma trajetória "sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado" (BOURDIEU, 1996, p. 190).

No livro ¹⁰" Le Petit x: de la biographie à l'histoire", da historiadora Sabina Loriga (2011) destaca as mudanças nos estudos biográficos desde o século XVIII até

⁹ Revista Tribuna: Escola de Chicago e a transformação social
 Leia mais em <https://www.tribunapr.com.br/mais-pop/escola-de-chicago-e-a-transformacao-social/>
 Copyright © 2023, Tribuna do Paraná.

¹⁰ A entrevista foi realizada no dia 7 de outubro de 2011, em Copacabana, no Rio de Janeiro. tema- Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema.

o XX. A autora demonstra a pluralidade da escrita biográfica ao longo do tempo, que nos primeiros anos foca a vida dos santos, reis, poetas ou soldados que se destacaram na sociedade, uma reflexão biográfica voltada para os “heróis”. Em seguida, a partir do século XIX as escritas se voltaram para os homens comuns e no século XX buscam acabar com a contradição entre o particular e o geral, relacionando o homem com o meio. Podemos concluir que a autora indica que apesar de a escrita biografia ter como principal aspecto narrar a vida do indivíduo, não existe uma regra formal neste domínio, nem mesmo no que diz respeito às características individuais. Em entrevista para Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro aos professores Adriane de Souza e Fábio Lopes, esclareceu a respeito do título da obra, desenvolvendo sobre a importância dos detalhes, que a história do indivíduo possui, é na micronarrativa que pode se compor uma obra inteira:

Na realidade, o título é um pouco enigmático. **O pequeno X indica a contribuição individual para o desenvolvimento histórico**, desenvolvimento não no sentido de uma melhora, **mas de uma realização histórica**. A expressão é do grande historiador alemão Johann Gustav Droysen que, em 1863, escreve que se chamarmos de A o gênio individual, a saber, tudo o que um homem é, possui e faz, então, esse A é formado por A + X, em que A contém tudo aquilo que lhe vem – circunstâncias externas do seu país, do seu povo, da sua época etc – **e em que X representa a sua contribuição pessoal**, a obra do seu livre arbítrio. Ele dá o exemplo de Rafael: as cores, o pincel, a tela que ele utilizava eram feitos de materiais que não tinham sido criados por ele. Também foi educado segundo a tradição da Igreja, **porém ele acrescentou algo de pessoal nessa tradição**. Em seguida, Droysen lembra que, mesmo se as estatísticas indicarem que, em um determinado país, nascem numerosas crianças ilegítimas, seria difícil que uma só mãe se consolasse com a ideia de que a lei estatística “explica” seu caso. Ora, embora infinitamente pequeno, **o x é fundamental, porque é o responsável por dar à história seu movimento**. (Sabina Loriga, 2011).

A pensadora defende que o estudo do indivíduo e sua contribuição para historiografia pode aderir diversas abordagens para além do biográfico pode ser necessário o suporte de outros métodos, dependendo do objetivo a ser alcançado, que o pequeno X da questão pode acender outros questionamentos produzindo novas obras a respeito do mesmo objeto pesquisado. No primeiro capítulo de seu livro a autora nos traz a micro história como suporte para essa análise, pois o mesmo não é meramente um olhar para uma escala menor, mas sim o X, aquilo que o sujeito teria de diferente dos demais, realizando assim uma nova análise, uma nova perspectiva. Percebemos que no século XX a escrita biográfica torna-se mais aberta ao social, ao contexto que está interligado às vidas dos indivíduos, abrindo assim uma possibilidade para uma nova abordagem.

Na retomada de ideias concluímos que uma das principais diferenças na produção da trajetória, é que o texto escrito por um historiador-biógrafo deve, portanto, contar a história real de uma vida, não deixando sua interpretação tendenciosa ao leitor, sem abordagens generalizantes, mas que levem o espectador da obra a compreender o traço atípico de cada história narrada. “Não aponta caminhos únicos, mas que descobre bifurcações, entroncamentos, cruzamentos de caminhos que são ao mesmo tempo fronteiras e possibilidades” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 248).

Entretanto, já na Micro História, um dos fragmentos possíveis que o historiador pode selecionar é a trajetória de vida de indivíduos. De acordo com José D’Assunção Barros a trajetória para a micro história é um meio possível de enxergar algo da realidade que envolve o fragmento analisado e assim acessar questões mais

amplas (2007). Segundo o autor é pegar a trajetória de vida, e submetê-la a uma microanálise, trazendo críticas em comparação ao objetivo que o pesquisador queira alcançar na maioria das vezes em contraposição ao macrossocial.

A vida de Bangu será objeto de nossa análise, porém é no seu micro história, no traço de sua trajetória que faremos nossas discussões bibliográficas. Ao utilizarmos as memórias como suporte teórico mostraremos a eficácia de utilizar a Micro História como suporte para análise de trajetória tendo como finalidade trazer como reflexão a importância da utilização de estudos de indivíduos que não são tratados com a devida notoriedade pela historiografia, mas que na sua incomum narrativa enriquecem os debates e reflexões sociais.

3 BANGU E SUAS MEMÓRIAS DE MILITÂNCIA

Lauro Reginaldo da Rocha, Bangu, codinome que lhe foi dado no período do Estado Novo do Governo Vargas (1937) para espreitar a perseguição política. Uma história comovente, pois conta a biografia de um homem que em meio a miséria do interior no sertão nordestino, Mossoró, Rio Grande do Norte, na década de 30, onde o analfabetismo chegava a 82,3% da população¹¹, ele se sobressai, pois na inconformidade com sua realidade vê na educação e atuação política a esperança de dias melhores. Ao contar sua história aos poucos ele revela como se apaixonou pela leitura, em especial pelo socialismo e luta pela classe trabalhadora.

Não me recordo bem quando foi que descobri aquele tesouro. Lembro-me que as estantes de livros da sala de Raimundinho passaram a ser uma agradável surpresa para mim. Não sabia como foram parar ali obras tão boas, os clássicos da literatura, as correntes mais diversas de pensamento estavam ali representadas, desde “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, até as obras de Karl Marx, Engels e Lenine. Eu devorava aqueles livros com sofreguidão, largando no meio os que não conseguia entender, indo até o fim e, às vezes, relendo aqueles que maior impressão me causavam. Ler bons livros é como viajar por mundos desconhecidos, é como transpor novos horizontes. O pensamento se eleva, o saber se renova. (Bangu, 1992, pág 28).

Raimundo Reginaldo, apelido Raimundinho, foi seu professor ao qual seus discursos inspiraram Bangu não somente a participar da luta pela classe trabalhadora, como também a seguir a carreira acadêmica, se formando como professor em 1925, aos 17 anos, integrante da 22ª turma pela Escola Normal. Mas infelizmente devido a miséria vivida por ele e sua família, não conseguiu dar continuidade aos estudos.

A minha antiga professora do Grupo Escolar, dona Cetina, esposa do diretor da Escola Normal, Elizeu Viana, olhou-me com curiosidade e perguntou: “— Lauro, em quantos anos você espera tirar o diploma de professor? Tomei a pergunta como um desafio e respondi: “—Vou me esforçar ao máximo para não repetir nenhum ano. Sou pobre e não posso perder tempo. Creio que minha resposta agradou a professora, que dizendo “muito bem”, retirou-se com um sorriso. Cumpri a promessa. Fiz o curso sem reprovações ou repetições, mas isto me custou muito esforço e sacrifício. Eu não estava preparado para aquele curso, pulei etapas, não tinha dinheiro suficiente para comprar todos os livros e o regime de subalimentação em que vivia se constituíram em embaraços seríssimos aos meus estudos. (Bangu, 1992, pág. 28 a 29).

¹¹ Escolarização e Analfabetismo no Brasil: Estudo das Mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930). Ana Emília Cordeiro Souto Ferreira Carlos e Henrique de Carvalho

Ao buscar novos caminhos, ele cria um partido sindical com o nome Juventude Comunista, diante de tanta escassez vivida pelo povo, percebeu que sua cidade não tinha um representante político que desse voz à população. Esse vai ser um marco na sua trajetória, pois pela primeira vez vai liderar um órgão político.

A história universal está cheia de exemplos. Foi a fome quem levou o povo francês a enfrentar os caminhões e derrubar a Bastilha. Foi a fome que derrubou o poderoso império dos czares, na Rússia. Foi a fome quem levou o povo chinês a expulsar de seu solo os exploradores estrangeiros, levando-os de roldão para fora do continente, implantando mais um poderosíssimo estado socialista no mundo. A fome desconhece a razão, leva ao desespero e o desespero não teme a força. Num certo sentido a fome é um grande general... Nós achamos que era necessário e urgente criar organizações partidárias e de massas (sindicatos e outras) capazes de reparar, orientar e dirigir as nossas lutas, desde as pequenas e imediatas até as grandes e decisivas. Assim pensando, criamos a primeira célula da Juventude Comunista sob a orientação do professor Raimundo Reginaldo. Esta célula foi constituída, no seu início, por Lauro, Saraiva, Mariano e Soares. Pelos meus cálculos, isto ocorreu em fins de 1924 ou começo de 1925, quando eu tinha de 15 para 16 anos de idade. Esse foi o ponto de partida para um longo e paciente trabalho no terreno da organização. (Bangu, 1992, Pág. 34)

Assim começou sua carreira política, e como se destacou em suas escritas e discursos começou a escrever manifestos políticos, e devido a tais textos, foi perseguido e preso diversas vezes, mais sua prisão final no período do Estado Novo de Vargas em 1937, e a que foi a mais penosa dos Cáceres, ao qual trataremos mais à frente. Um dos episódios de prisão descritos pelo mesmo, narrou a violência policial do governo Vargas.

Certa manhã, quando me dirigia ao trabalho, fui abordado por policiais. Um deles disse-me que o delegado “fulano” desejava falar comigo convidando-me a acompanhá-los até a delegacia. Compreendo que tal convite era uma variante mais educada da célebre expressão “**esteja preso**”, não tive dúvidas em seguir tão má companhia. Ao chegar no Distrito que também era sede da Guarda Civil, não fui apresentado a nenhum delegado, mas, simplesmente, trancado num xadrez, sem explicações. **Não havia no cubículo nenhum móvel, nem água, nem instalações sanitárias.** Procurei me acomodar no chão cimentado e aguardar os acontecimentos. As horas foram se escoando, a noite já se aproximava e **nenhuma refeição me foi servida** – eu estava com o café da manhã – o estômago começou a reclamar falta de alimentos. Havia, ao lado, um cubículo com vários presos comuns, eu perguntei a um deles se “naquela casa” não se costumava comer. Ele respondeu **que nos dois primeiros dias não era costume “a casa” fornecer comida aos presos.** Ele não sabia explicar se era por medida de economia ou se era um meio hábil de provocar a voracidade dos detentos, a fim de que pudessem engolir, sem vômitos, a horrível boia que teriam de enfrentar mais tarde. Procurei botar em prática a filosofia fatalista contida no velho provérbio que, ouvi de meus avós: “aquilo que não tem remédio, remediado está por natureza”. **Deitei-me no chão e esperei que o sono me apaziguasse o estômago e o espírito.** Quem já esteve preso sabe que o pior de uma prisão são as primeiras horas de seu começo e as últimas de seu fim. No primeiro caso, a emoção é causada pelo impacto e pela frustração de quem acaba de perder a liberdade... Descoberto o meu paradeiro, a trama policial caiu por terra. Era quase noite quando fui levado à presença do tal delegado. Sentado no seu “bureau”, **tinha na mão um folheto que eu reconheci ser um que eu publicara há poucos dias, com minha assinatura. Neste folheto, eu falava da situação dos trabalhadores e concitava-os a ingressarem nos seus sindicatos, único caminho seguro para a solução de seus problemas.** Mostrando-me o folheto, o delegado – que parecia bem-humorado – iniciou o que seria, talvez, a tal conversa para a qual eu fora convidado: “Senhor Reginaldo, eu gostei do seu livrinho. O senhor escreveu com alma e tudo o que o senhor diz aqui é a pura verdade. “Mas”, (nesse

“mas” estava o xis do problema) **o senhor há de compreender, nem toda verdade deve ser dita**. O mundo sempre foi errado e continuará sendo errado e não seremos nós que haveremos de endireitá-lo. O que o senhor diz, embora esteja certo, não convém que o diga. O senhor é bem-intencionado, mas está com isso fazendo perigosa agitação, está lutando por um ideal impossível”. (Bangu, 1992, pág. 54 e 55)

Em um cenário político nacional onde Vargas corria para perpetuar seu poder, a estratégia política eram os discursos nos rádios e jornais em prol de unir os brasileiros contra um inimigo em comum: A Ditadura Comunista! “Um fantasma que assombra a mente dos brasileiros”.

Em seu apogeu de manipulação política, Getúlio Vargas usou como principal ferramenta as esferas militares. A pesquisadora Elizabeth Cancelli em seu livro “O mundo da violência. A polícia da era Vargas”, utiliza de uma gama enorme de documentos oficiais e civis, abordando entrevistas, relatos sobre a violência vivida pelas vítimas.

A obra possui também além de uma rica bibliografia, alguns exemplos anexos no texto dos documentos utilizados e que fazem menção e ilustram a ação de órgãos relacionados com a repressão que o Estado imprimia, documentos de origem e apreendidos (censurados) pelo Departamento de Ordem Pública e Social (DOPS) e pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), dando-nos assim, uma visão panorâmica de como os braços da repressão se estendiam e de sua complexidade.

Esses departamentos obedeciam diretamente a Vargas e difundiam a figura do líder, “de um ente Todo-Poderoso que passará a ser confundido com toda a sociedade, era o símbolo mais forte da união nacional, na tentativa de assegurar à sociedade uma identidade, sua homogeneidade.” (CANCELLI, Elizabeth .1994)¹².

Em oposição política ao governo Vargas, Lauro Reginaldo, Bangu foi Secretário Geral duas vezes do PCB, participou na linha de frente como representante do partido, saindo até mesmo do país, para a URSS. Da miséria do interior nordestino a um representante político internacional. Até o momento, refletimos que a micro história é uma abordagem múltipla e multifacetada ancorada na mudança de escala de análise. E que, por meio da trajetória, essa mudança de escala ocorre entre o indivíduo e as estruturas em que o vivido se articula. Sendo assim, a micro história é um meio possível de se investigar um indivíduo e as condições concretas que ele se inseriu. Percebemos então que o nosso personagem se destaca pelo contexto e realidade por ele vividas. Portanto, a abordagem metodológica da micro história, se faz adequada para refletir acerca do nosso objeto empírico e também pode ser um recurso analítico para quem pretende se lançar no estudo de trajetórias refletindo sobre seu contexto. Bangu foi uma das figuras políticas perseguidos na primeira fase do governo Vargas, (1930 - 1945), ao qual nesse cenário surgiu a chamada Revolução de 30 ou também conhecida Insurreição comunista, reflexo de uma corrida política mundial ao qual repercutiu no Brasil, para entendermos melhor a história vivida pelo protagonista em questão, devemos primeiro descrever os antecedentes desse desenrolar histórico.

4 A CRISE ECONÔMICA MUNDIAL DE 1929 E SUA REPERCUSSÃO NO BRASIL

¹² CANCELLI, Elizabeth. O mundo da violência: a polícia na Era Vargas. 02. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

No final da 1ª Guerra Mundial, o período entre guerras, um ciclo marcado por um início de prosperidade econômica para os Estados Unidos, mas que na disputa por poder acabou quebrando em 1929, isso aconteceu devido a política de empréstimos de capitais e extorsão de produtos para os países aliados.

A crise de 29 foi marcada pela queda das atividades econômicas americanas, essa crise afetou todo o sistema bancário mundial. Como consequência, faltam indústrias e o setor agrícola. Repercutindo nos anos 30 e dando início ao agravamento das disputas de ideologias políticas. De modo geral as classes dominantes passaram a apoiar o pensamento capitalista enquanto as mais baixas a socialista.

A situação no Brasil, assim como nos demais países, era de uma forte crise econômica, em 1930 quem estava no poder era o presidente Washington Luís¹³, a falta de medidas por parte do poder político repercutiu, trazendo mais ainda instabilidade ao país, já que estava vendo desemprego em massa, o salário reduzido em 30 por cento, e a forte produção de café, a principal fonte de economia do país na época, fez com que o preço do produto diminuísse, causando o menor lucro para o setor, perpetuando o caos econômico. Como consequência, uma espécie de providência tardia, foi realizada, o governo determinou a queima das sacas de café, com o objetivo de aumentar o preço, principalmente para o mercado externo.

A atitude foi tardia, pois os cafeicultores, grande parte da indústria e elite brasileira começaram a apoiar a oposição política. Foi então no dia 3 de novembro de 1930, que uma junta militar articulou um golpe político, e instalou na presidência Getúlio Vargas como chefe do estado provisório. O mesmo que apoiava as ideias fascistas dos ditadores Adolf Hitler e Benito Mussolini vai se perpetuar no poder por muito tempo, cerca de 14 anos, divididos em fases, o Governo Provisório e Constitucional (1930 – 1937), a ditadura do Estado Novo (1937 – 1945) e o Governo Democrático (1951 – 1954). Implementou aspectos de governantes autoritários como - um discurso populista, procedendo com direitos trabalhistas e por fim implementou leis opressivas/ dominantes com o objetivo de se perpetuar no poder e pluralizar seu apoio.

Nesse contexto o mundo ainda permanecia em uma corrida ideológica política a URSS na disputa contra o capitalismo dos Estados Unidos, começa a patrocinar partidos políticos nos países para a implementação do socialismo, o Brasil é um dos países que recebe a investida soviética. Entretanto, devemos antes entender o cenário político na década de 30, havia uma corrida pela propaganda política. No governo Vargas havia um forte controle dos meios de comunicação. Os ideais comunistas chegavam por meio de folhetos com pequenos manifestos políticos ou eram feitas pequenas reuniões, onde se faziam trocas de ideias, e foi assim que Bangu se apaixonou pela proposta soviética.

Sentado no chão, a um canto, eu aguardava a palavra do mestre. Era ele que esclarecia as minhas dúvidas, a sua voz, para mim era um clarão nas trevas. “O povo russo, dizia ele, encontrou o caminho de sua libertação, quebrou as correntes da

¹³ Consenso de Washington: crise do Estado Desenvolvimentista e seus efeitos sociais – um balanço crítico (André Novaes).

opressão, implantou o socialismo e vai agora criar um mundo novo, diferente, de paz, de conforto e de progresso”. E fazia desfilar diante de meus olhos atônitos, como se eu estivesse diante de uma realidade palpável, os heróis daquela revolução vitoriosa, a figura deslumbrante de Lenine à frente. E eu me via, de repente, na minha imaginação, no meio de seres fantásticos, de fuzil em punho, lutando, partindo cadeias, quebrando grilhões. (Bangu, 1992, Pág. 27)

Conforme o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), Vargas criou, em 1931, o Departamento Oficial de Propaganda (DOP). Estabelecido para que Getúlio mantivesse o controle sobre sua imagem perante a população, o DOP também teve como função divulgar as ações do governo através das rádios. Em 1934, esse departamento foi substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), mas seu funcionamento começou a ficar obsoleto e perder força. Dentro destes departamentos e também para a imprensa, as fotografias se tornaram importante fonte de informação e divulgação. Assim, Vargas beneficiou-se disso para começar a estabelecer sua imagem diante do povo. Mais especificamente, conforme Ana Maria Mauad (2013, p.13), “a fotografia pública é produzida por agências de produção da imagem que desempenham um papel na elaboração de uma opinião pública (meios de comunicação, estado etc.)”. Os principais meios de comunicação, eram instrumentos utilizados pelo governo, e a propaganda soviética, se utilizava de outros meios, como as reuniões celulares, já citado anteriormente.

No início de seu governo Getúlio Vargas não realizou nenhuma de suas promessas de campanha, nos anos 30 e 31, causando protestos por todo o país. No governo permaneceu os mesmos políticos da República Velha, em contraposição os apoiadores e o partido político de Vargas, bancadas parlamentares, militares marginalizados se juntaram para expurgar a política da República Velha. O governo em 1932 marca as eleições para 1933. Em São Paulo a revolta constitucionalista está acontecendo, e na disputa das eleições o governador de São Paulo que é opositor ao governo Vargas vence, em julho do mesmo ano ele será deposto. Em 1934, a Assembleia Constituinte concedia anistia ampla. No mesmo ano vai acontecer a nomeação do governador de Minas Gerais, gerando muito alvoroço no meio político. Entre 1930-1937, o Brasil ficou marcado pela desconstitucionalização e pela instauração da ditadura em 1937.

5 ATUAÇÃO POLÍTICA E OS PREPARATIVOS PARA A INSURREIÇÃO COMUNISTA

A investida soviética nos partidos brasileiros, como já citado, se deu muito anteriormente a esse cenário. Em 25 de março de 1922 no Rio de Janeiro, vai nascer o Partido Comunista do Brasil (PCB)¹⁴ e também teremos com o fim do Estado Novo, um grupo de 63 pessoas fundou, em 1945, a Esquerda Democrática, (PSB) um movimento organizado que se tornou um partido em defesa das transformações sociais e das liberdades civil e política. Em 1946, é realizada a primeira convenção e aprovado o programa. A ED se diferenciava da UDN (União Democrática Nacional), que defendia o liberalismo econômico, e dos comunistas adeptos ao stalinismo. Ambos os partidos se destacaram na luta pelos ideais comunistas no período do governo Vargas, porém nos ateremos ao PCB partido ao qual Bangu participou.

¹⁴ A Intentona Comunista no Rio Grande do Norte (1930-1937) João Rozendo, 1997.

Aberta a sessão, o presidente, dirigindo-se a mim, disse mais ou menos o seguinte: “Temos a satisfação de informar ao companheiro Bangu (era o meu nome de guerra) que a direção máxima do Partido, de comum acordo com a delegação do Secretariado Latino-americano da IC resolveu elegê-lo, por “cooptação”, membro do Comitê Central para ocupar o cargo do Secretário Geral do PC até o próximo Congresso”. A minha surpresa foi imensa. A emoção tolheu-me a fala por alguns instantes. Eu tinha então 24 anos de idade, disseram que era o acontecimento inédito na história do PCB, eu nunca podia imaginar que tal coisa viesse um dia acontecer. (Bangu, 1992, Pág.79)

Políticos brasileiros eram mandados a Moscou para participarem de congressos e representar seu país, como também para estabelecer contato direto com a IC (Internacional Comunista). A IC surgiu na URSS após a Revolução de Outubro de 1917, a qual culminou com a derrubada do sistema produtivo russo. Como consequência houve o surgimento de 14 partidos comunistas espalhados por vários países do mundo e a IC ficou na responsabilidade de coordenar esses partidos, seus movimentos sindicais e protestos, seja financeiramente ou gerenciando sua política.

Em 1934 foi realizada em Moscou, URSS, a III Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe. Ao qual o PCB delegou como representante brasileiro Bangu, este fez alguns esclarecimentos.

Nesse ponto, é necessário um esclarecimento: a IC era a organização que unia todos os PCs (Partidos Comunistas) do mundo. Funcionava em Moscou é óbvio, por ser a União Soviética, naquela época, o único país socialista existente no globo, capaz de permitir o seu funcionamento livre e sem restrições. Esta era a 3ª Internacional e foi dissolvida em 1943. A 1ª Internacional foi criada sob a orientação de Karl Marx, em 1864, com o nome de Associação Internacional dos Trabalhadores. A 2ª Internacional surgiu em 1889 e tomou orientação oportunista...Dois dias depois, pisamos em território soviético. Nesse momento, os semblantes se transformaram. Passageiros que antes se mantinham cautelosos e retraídos, agora se abraçaram, emocionados, “pela primeira vez em minha vida posso dizer, sem medo de ser preso: “Yo soy comunista!”

Nesta reunião aconteceu a primeira discussão sobre o Brasil havendo destaque. A Internacional Comunista colocava o Brasil no grupo dos países dependentes, eles abordaram a necessidade de uma revolução agrária e uma ação anti-imperialista.

No desenrolar da Conferência, o Brasil passou a atrair as atenções dos delegados pela gravidade de sua situação econômica e política, pela miséria e condições sub-humanas das massas e camadas de sua população, aguçamento das contradições das lutas de classes, perspectivas de uma saída revolucionária para solução de seus problemas fundamentais e para a libertação do seu povo. (Bangu,1992, Pág. 86)

No início de 1935 a IC mandou vários representantes de forma ilegal para o Brasil com o objetivo de acenderem a revolução. Bangu passa alguns meses na URSS e quando volta para o Brasil em 35 se depara com a criação da ANL (Aliança Nacional Libertadora) um movimento fundado pelo PCB na luta contra o governo Vargas.

Em princípios de 1935, quando voltamos ao Brasil, a Aliança Nacional Libertadora já tinha sido lançada. Sua expansão, em todo o país, assumiu proporções rápidas e imprevistas... surgiam núcleos da A.N.L, surgiram também novas organizações de estudantes, de mulheres e de operários, enquanto começava a penetração entre as populações camponesas. Enquanto isso, o integralismo era repudiado, seus comícios eram hostilizados e dissolvidos violentamente pelo povo. O que se passava no Brasil, naquela época, não era um fenômeno fortuito criado artificialmente pela imaginação dos comunistas, como atribuem certos críticos. Era uma crise política grande pelo descontentamento geral e que atingia também seriamente as forças armadas. Esse descontentamento, mais cedo ou mais tarde, explodiria – como explodiu – em movimentos insurrecionais, dos quais está cheia a história do Brasil, desde a era colonial. (Bangu, 1992, Pág.87)

O PCB realizou alguns congressos no Brasil em 1922, 1925 e 1928. Nessas reuniões eles abordaram as dificuldades de alcançar os trabalhadores, e os obstáculos de se manter a comunicação entre os sindicatos em outros estados. A participação política do partido era ativa. Eles contavam com o apoio da Internacional Comunista (IC).

Na tentativa de agregar mais pessoas ao partido comunista, era necessária uma figura política com uma boa popularidade, alguém que articula-se com mais grupos, e o escolhido foi Luís Carlos Prestes, ele vinha do movimento tenentista¹⁵ e não tinha uma imagem sem escândalos políticos. Em fevereiro de 1935, foi redigido o manifesto-programa e dia 12 de março, no Teatro João Caetano, realizou-se o lançamento público da Aliança Nacional Libertadora (ANL) Prestes foi indicado para ser o presidente de honra do movimento.

A luta da ANL tinha três alvos centrais: o imperialismo, o fascismo e o latifúndio. No seu programa defendia a suspensão da dívida externa do Brasil, a reforma agrária e a constituição de um governo popular orientado somente pelos interesses do povo brasileiro. (Costa, 1995, p.27).

Em sua abertura a ANL abre cerca de 1600 sindicatos espalhados por todo o país. Prestes se torna uma espécie de herói político, e ganha destaque no meio. Apesar de a ANL ter sido criada sob fortes influências do PCB, a linha política da ANL estava mais ligada à realidade do País.

O que havia de novo nesse período importantíssimo de nossa história era a existência de um Partido Comunista jovem e com pouca experiência, mas audacioso e combativo que se pôs à frente dessas lutas. Porque nas lutas passadas (eu me refiro ao caráter insurrecional), ele não participou ou porque ainda não existia ou porque, por esta ou aquela razão, não se fez presente. Esse fato novo, de capital importância, é o que esses famosos críticos ignoram ou fingem ignorar. (Bangu, 1992, Pág.87)

A Aliança tornou-se uma figura defensora da classe trabalhadora. Porém muitas promessas não foram cumpridas, e a forte perseguição de Vargas ao partido e seus apoiadores levou à sua queda. Em 5 de julho de 1935, a sua sede é fechada

¹⁵ Movimento político-militar que se desenvolveu durante o período de 1920 a 1935, aproximadamente, sob a liderança dos “tenentes”, nome com que ficaram conhecidos os oficiais revolucionários da época, nem todos verdadeiros tenentes, mas em sua grande maioria oficiais de baixa patente. Constituiu um dos principais agentes históricos responsáveis pelo colapso da Primeira República, ou seja, está inserido no processo de crise da sociedade agroexportadora e do Estado oligárquico no Brasil que culminou com a Revolução de 1930.

e a ANL estava na ilegalidade. Sendo assim a ANL continuou trabalhando na clandestinidade.

Em contraposição temos a Ação Integralista Brasileira (AIB)¹⁶, um movimento de direita, conservador, que tinha como presidente Plínio Salgado, surgiu em 1932, São Paulo, era composta em sua maioria por estudantes, classe média, militares, empresários. As suas vestimentas e símbolos se inspiravam no regime autoritário alemão /nazismo, semelhantemente tinham também uma saudação oficial; com os braços levantados, diziam: "ANAUÊ".

Os seus principais objetivos eram: o crescimento econômico controlado, fim da luta de classes, nacionalização das indústrias, educação, justiça e liberdade religiosa. Criticavam a influência estrangeira na vida econômica brasileira.

No Rio Grande do Norte, havia um cenário de forte disputa política. Nas eleições de 1934 a AIB não elegeu ninguém. Dos poucos incidentes que ocorreram com os integralistas, um dos confrontos que resultou em violência foi o do terceiro aniversário da AIB em Natal. Apoiadores do PCB vão ter vários confrontos contra os integralistas.

A ANL estava em uma intensa corrida em prol de atingir seus objetivos. O desprestígio do governo ajudava o crescimento e a organização da ANL por todo o país. O programa da ANL continha cinco pontos: suspensão da dívida externa, nacionalização das empresas, proteção às pequenas e médias propriedades, amplas liberdades populares e uma constituição popular.

A preparação da insurreição já era do conhecimento do governo federal, assim como a chegada de Luís Carlos Prestes, clandestinamente ao Brasil, juntamente com outros estrangeiros que iriam assessorá-los na organização do movimento. (Basbaum, 1975-1976, p.77).

Prestes em manifestos fazia várias provocações em seus discursos, que repercutiram nas rádios. Diante disso, Vargas ordena o fechamento da ANL. Prestes não vê outra saída a não ser uma luta armada, então ordenou que todos os estados que se preparem para a Revolução Comunista, os principais estados que regem o movimento são o Rio de Janeiro, sede do partido e também do movimento, Recife e Rio Grande do Norte aguardavam as ordens para o levante.

6 A INSURREIÇÃO COMUNISTA E O RIO GRANDE DO NORTE COMO PROTAGONISTA (1935)

Nas eleições de 1934, a forte disputa entre apoiadores do PCB e ANL foi tão violenta que chegou aos ouvidos de Getúlio Vargas. Após muitas confusões, o resultado saiu no dia 16 de outubro de 1935. Nesse mesmo mês assumiu Rafael Fernandes representante da direita. Após a repressão comunista de 1935, Vargas aproximou-se do partido do governador Rafael Fernandes, restabelecendo o apoio dado anteriormente. Porém aqueles que apoiavam o partido e os ideais comunistas não se davam por vencidos.

“As tramas conspiratórias do governo à deposição de Rafael Fernandes eram públicas, os conspiradores não davam importância para

¹⁶ Getúlio Vargas: biografia política. (Hélio Silva, 1980.)

confidencialidade. A movimentação dos chefes políticos interioranos, prefeitos, ligados ao interventor Mário Câmara, e as confabulações dos partidários de João Café filho”. (Bruno Barreto, 2020).

A disputa eleitoral para governador de 1935 fez com que apoiadores do PCB e os apoiadores do movimento ANL, se unissem. As reuniões confabulavam a derrubada de Rafael Fernandes do poder. E para piorar a situação de Fernandes recém-eleito demitiu cerca de 300 guardas civis que acabaram em sua revolta apoiando a revolução.

No dia 23 de novembro, ou seja, dois dias depois do levante de 1935 a Guarda Civil de Natal havia sido dissolvida sem mais nem menos, atirando ao desemprego centenas de pessoas, dentre as quais muitos chefes de família. Esses homens, com instrução militar, vieram engrossar as fileiras dos descontentes. (Bangu, 1992, Pág.94)

Como estratégia os comunistas alegaram que a vitória política foi deles, espalharam por todo o Brasil a falsa notícia através de rádios e jornais. As notícias davam vitória aos comunistas em todo o Brasil. Com isso, eles partem com a investida para o interior, e para os estados apoiadores. Uma coluna foi para Recife, outra para Mossoró e uma terceira a Caicó.

O dia da revolução foi na cerimônia de posse do governador. As descrições¹⁷ dizem que foi, por volta do meio-dia, que já se preparavam para eclodir o movimento. À noite, aconteceu a formatura de estudantes do Colégio Santo Antônio. Nesta solenidade participou o governador Rafael Fernandes e amigos.

“Era por volta das 19h30 do dia 23 de novembro de 1935 e o governador nem fazia ideia do que estava por vir até que surge no vácuo o som dos estampidos. Começava naquele momento o que para a direita se convencionou chamar de Intentona Comunista de 1935¹⁸ e para a esquerda se tenta dar o nome de Levante ou Insurreição no lugar da palavra que significa “cometimento temerário” ou “plano insensato”.

A década de trinta tem-se diversos títulos, quando nos referimos ação comunista no Brasil, há aqueles que chamam de intentona por ter como significado plano insensato, devido ao fato do levante ter se precipitado ao fazê-lo outros chamam de revolução, por defenderem o propósito que ele tinha, de tirar o país das mãos de Vargas. Segundo o próprio Bangu o plano era esperar a ordem de Prestes e a previsão era pra início de 1936, porém um documento recebido no quartel foi mal interpretado, então foi iniciado a revolução antes da hora, os outros estados que eram os fortes apoiadores, Rio de Janeiro e Recife, não fizeram, deixando Natal sozinha em seu estopim, como também, o desenrolar do levante, de maneira desajeitada foi tomando proporções pelo estado, é nesse desenrolar que interpretamos esse episódio como insurreição comunista, pelo fato da população estar em um forte descontentamento e oposição ao governo.

¹⁷ A Revolta Comunista de 1935 em Natal Relatos de Insurreição que gerou o primeiro soviete nas Américas (Luiz Gonzaga Cortez).

¹⁸ A comuna do RN: como um sapateiro, um estivador, um sargento e um servidor público transformaram Natal na primeira capital comunista das Américas. (Bruno Barreto,2020). Insurgência Vermelha: quando o Rio Grande do Norte viveu quatro dias na intentona comunista (Marcos Lopes,2021).

O que estava ocorrendo era para mim, inesperado e confuso. Embora eu tivesse conhecimento do que estávamos vivendo, especialmente no Nordeste, uma situação explosiva, não podia entender aquela sequência de levantes, virtualmente, anulando o fator surpresa, que poderia ser decisivo a nosso favor. Como também não entendia porque a insurreição partia da periferia e não do centro, dos quartéis e não das massas. (Bangu, 1992, Pág 93).

O estopim do Levante foi no 21º Batalhão de Caçadores do exército um grupo de sargentos tomou a frente do quartel, prendendo opositores ou aqueles que se recusaram a apoiar, o exército deu apoio para a tomada do governo, e aquele que foi de fato eleito Rafael Fernandes fugiu para o Chile.

O levante de Natal, embora tendo partido do quartel, teve a participação não só de soldados, cabos e sargentos, mas também a adesão popular de operários, funcionários públicos e inclusive de mulheres, que lutaram, bravamente, de armas nas mãos, nas ruas de Natal. (Bangu, 1992, Pág. 94)

Mesmo havendo outros estados apoiadores, a capital dos potiguares tornou-se naquele 23 de novembro em 1935 a primeira cidade comunista das Américas (Bruno Barreto, 2020).

Para se comunicar com a população, um avião foi confiscado no aeroporto e sobrevoou a cidade despejando milhares de folhetos. No curto período em que se mantiveram no poder, os revolucionários também distribuíram o primeiro e único número do jornal A Liberdade, impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado. Nele, foi publicado o expediente do novo governo e um manifesto, inspirado no programa do PCB e sob o lema "todo poder à ANL". Segundo o historiador (Marcos Lopes, 2021)

A revolução, intentona, levante ou insurreição tomou uma proporção de um desenrolar de muita violência. Houve nas ruas episódios de assalto e arrastão. Os militares que não apoiaram a revolta foram presos no casino do quartel, coube ao "Cabo Dias" dar a voz de prisão: "os senhores estão presos em nome do Capitão Luiz Carlos Prestes!".

O líder do movimento era o sapateiro José Praxedes, se tornando o novo governador, declarando que agora o estado estava proclamado como Governo Popular Revolucionária. Em Mossoró o líder foi João Galvão funcionário de um dos principais colégios, o Ateneu. Já no porto do estado foi tomado e liderado por João Francisco Gregório.

Na Região Agreste os insurretos dominaram cerca de três dias. Os revoltosos receberam a adesão da Guarda Civil, que há pouco tempo tinha sido dissolvida pelo governador Rafael Fernandes. Este, no lugar da Guarda Civil, foi reativado a Inspetoria de Polícia. O forte antagonismo na política potiguar ocorreu no período entre guerras (1918 a 1939) em que a disputa ideológica e econômica entre socialismo e capitalismo vigorou. O próprio Vargas muitas vezes se articulou entre os dois lados ou para tentar apaziguar ou para conseguir apoio político.

As primeiras mudanças no estado já começaram. Primeiramente, o governo exigia mudanças na lei de segurança nacional. Os direitos dos militares seriam restringidos, a imprensa era controlada e acabava a estabilidade dos funcionários públicos.

Houve furtos nos bancos e expropriações de propriedades. O cofre do Banco do Brasil foi invadido, parte do dinheiro foi distribuído aos pobres. O preço do transporte público foi abolido. E foram idealizadas medidas para igualdade salarial, que não foram implementadas, pois o levante durou poucos dias.

Em contraposição, Vargas e seus apoiadores faziam uma campanha intensa nos veículos de comunicação, declarando crime e condenação aos que de algum modo não combateram o levante, o governo então começa a perseguir e prender políticos do (PCB) e apoiadores do movimento (ANL).

A intentona potiguar¹⁹ Começa a desmoronar quando tropas do exército da Paraíba e de Pernambuco por ordem do governo Federal são mandadas para restabelecer a ordem em Natal com o fim de retomar a capital.

Haviam em Natal tropas leais a Vargas, quando souberam da chegada do exército Federal, circulou a notícia de um possível bombardeio aéreo, os comunistas fugiram da capital, e os apoiadores aproveitaram para retomar o controle do batalhão. Os que foram capturados foram presos e mandados para o Rio de Janeiro.

O exército retomou em pouco tempo o controle de todo o estado. O governador Rafael Fernandes foi repostado ao cargo. No dia 27 de novembro a capital já voltava à normalidade. Como escreveu Hélio Dias, "o primeiro, único e fugaz governo soviético na história do Brasil."

Assim que acaba o levante em Natal, no Rio de Janeiro Prestes dá início a Intentona no Brasil, aquilo que se confabulava a anos, com a finalidade de derrubar o fascismo de Vargas e instaurar o socialismo no Brasil, finalmente aconteceu.

O levante também ficou conhecido como revolta vermelha, Prestes acompanhado de sua esposa Olga Benário, militante do partido comunista alemão. Eles desembarcaram clandestinamente com os nomes falsos de Antônio Villar e Maria Villar. Vieram outros estrangeiros apoiadores da revolução para colaborar com o golpe. Entre eles, o argentino Rodrigo Ghioldi e sua mulher, Carmen; o casal alemão Elise Saborowski e Arthur Ewert; os belgas Lion Valle e sua mulher, Alphonsine; o alemão Franz Gruber e o norte-americano Victor Allen Baron. Fora aqueles que não foram catalogados.

A Intentona Comunista durou poucos dias, de imediato as forças de segurança nacional amortizaram a revolução. Aqueles que foram às ruas no Rio de Janeiro apoiar Prestes foram presos, mortos ou fugiram. Segundo Homero Costa, professor da UFRN, referência sobre a intentona no Brasil, para ele, Natal desencadeou um efeito dominó, tanto na animosidade para acontecer o levante quanto para sua precipitação que colaborou para sua ruína.

Após os acontecimentos de 1935 em 1936 começou uma perseguição aos envolvidos e apoiadores do levante, vários líderes foram presos. Algumas dessas prisões foram injustas; entre os presos estavam escritores, professores, jornalistas, etc. A delegacia de ordem de política social (DOPS), trabalhava à base de torturas

¹⁹ 1935 Setenta anos depois (Isaura Amélia Rosado Maia e Laélcio Ferreira de Melo (Organizadores).

com os presos, arrancando confissões. Em maio de 1936 muitos presos vindos do Nordeste foram levados para o Rio de Janeiro. Durante esse período, o estado de sítio²⁰ foi prorrogado por 90 dias, convertido depois em estado de guerra²¹, muitos foram presos e torturas.

"O levante de Natal fez parte do contexto da Intentona Comunista. A ideia era que a revolução fosse em escala nacional. Porém, nem todas as guarnições envolvidas se engajaram ao mesmo tempo" (Elias Feitosa, 2007). A intentona Comunista durou 4 dias²² ao todo contando com os feitos em Natal e em seguida no Rio de Janeiro, e não teve a devida força e repercussão desejada por seus apoiadores.

Se aproveitando desse contexto, Vargas disseminou em seus discursos a ideia de uma tentativa de ditadura comunista no Brasil, o que vimos que não é verdade, o PCB e a ANL queriam uma reestruturação política, e a retirada de Vargas do poder. Isso serviu como justificativa para que Getúlio Vargas instaurasse o Estado Novo, em 1937.

"Não houve apoio do PC a nenhum candidato, simplesmente porque deixaram de haver candidatos. Como todos sabem, não houve eleições presidenciais de 1937. Getúlio deu o golpe, como se esperava. A ditadura do "Estado Novo" tomou novo impulso e a história novos caminhos." (Bangu, 1992. Pág. 106)

O Estado Novo foi o período em que Vargas Governou de forma ditatorial, entre 1937 a 1945, concedendo direitos trabalhistas e adotando um discurso populista, como também mandando prender todos os militantes, apoiadores ou políticos envolvidos na Insurreição Comunista, é onde nosso protagonista em questão, Bangu, será preso e descreve a maior parte de sua biografia, mas antes temos que entender melhor o cenário político que levou inúmeras pessoas a serem presas e torturadas de forma atroz.

7 VIOLÊNCIA E OPRESSÃO: BANGU E A RESISTÊNCIA AO ESTADO NOVO DE 1937

No dia 28 de setembro de 1937, o capitão Olímpio Mourão, que ficou conhecido por se referir a si mesmo como uma "vaca fardada" em entrevistas a jornalistas, repetia tal expressão e nunca foi esclarecido o por que de tal enunciação, mas podemos nos atrever a interpretar devido ao contexto ao qual está inserido, por estar na linha de frente no combate ao comunismo e ser um dos responsáveis pela

²⁰ "O estado de sítio é um instrumento burocrático e político em que o chefe de Estado — que, no Brasil, é o(a) Presidente da República — suspende por um período temporário a atuação dos Poderes Legislativo (deputados e senadores) e Judiciário. "Veja mais sobre "Estado de Sítio" em: <https://brasilecola.uol.com.br/politica/estado-sitio.htm>. O estado de sítio foi decretado por Vargas com o objetivo de tomar o poder para si, dando início a sua ditadura.

²¹ "O estado de guerra é uma situação criada pela declaração de guerra ou pela aceitação da beligerância. Inicia-se com o ato do governo que a declara ou do que a aceita, efetivando-se com o começo das hostilidades." Isto se sucedeu logo após o estado de sítio com a prerrogativa de Vargas como estratégia política ao levar o povo brasileiro a crer que estavam em guerra contra uma tentativa de golpe comunista.

²² Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro, de Anita Leocádia Prestes (2015)
Luís Carlos Prestes - Um revolucionário Brasileiro, de Moacir Assunção (2007)

prisão de Prestes, entendemos que ele se referiu ao fato dos militares serem “o gado guiado pelo seu pastor Vargas”²³. Naquele dia em questão foi escrito um documento no ministério da guerra, juntamente com o oficial Caiado de Castro, que estava a digitar um documento, que dissertava sobre o plano ²⁴COHEN, este que era confabulado por judeus comunistas para tomar o poder no Brasil, bom, pelo menos era o que dissertou Olympio Mourão Filho, o nome fazia menção ao líder da Comintern, Bela Kun.

Levaram o tal documento conspiratório para Góis Monteiro chefe do estado maior, foi um dos líderes do Golpe Militar de 1930. Góis Monteiro apresenta esse documento para a grande cúpula militar, dois dias depois de ser redigido, no dia 30 de setembro de 1937, no rádio “A voz do Brasil”, no programa “Fala sozinho” onde o nome faz jus ao fato de a única voz a ser ouvida era de Vargas, este leu o plano Cohen ao vivo fazendo um pronunciamento nacional, consolidando a ideia de um plano conspiratório comunista para tomar o Brasil.

O objetivo do pronunciamento do plano Cohen era de criar um ambiente de unidade, patriotismo, propício a levar a população a crer que Vargas era a única solução possível, em que um golpe fosse necessário e que uma nova Constituição seria bem-vinda. Na mesma manhã de 10 de novembro de 1937, era apresentada ao País uma nova Constituição, procurando legitimar a ditadura getulista. Elaborada por Francisco Campos, o ideólogo do Estado Novo, essa Carta inspirava-se na Constituição autoritária polonesa; daí a denominação de “Polaca”, embora incorporasse elementos da Constituição da Itália fascista e da Carta Del Lavoro de Mussolini. De acordo com ela, o presidente detinha plenos poderes, inclusive o de legislar por decreto-lei, representava o Poder Executivo e possuía um mandato de 6 anos; as greves eram proibidas e a palavra escrita ou oral era passível de censura; os recursos minerais, fontes de energia e as indústrias de base eram nacionalizados. Foi instituída a pena de morte, a critério do presidente e nos casos de ameaça à ordem política.

Além do pronunciamento na rádio, foram antecipadas em dois meses as homenagens às vítimas militares ocorridas na “intentona” de novembro de 35. Ou seja, em 22 de setembro de 37, realizou-se uma romaria cívica e militar ao local onde foram enterrados os mortos do movimento de 35. Na oportunidade, Vargas foi incisivo ao afirmar que o ato representava uma lição de patriotismo e de advertência aos comunistas e fracos que não tinham coragem para defender a Pátria. Concluindo, frisou, enfaticamente, que naquele momento, o povo, o Exército e as Forças Armadas estavam unidos e como já dito anteriormente, vai acontecer o decreto do estado de sítio e logo depois o estado de guerra, com base nesse documento conspiratório, criado pelo imaginário de Mourão, tudo foi uma verdadeira desculpa para que Vargas fechasse o Congresso Nacional e tomasse o poder do país dando um golpe e instaurar sua ditadura. O documento foi utilizado por Vargas para decretar a perseguição aos militantes, apoiadores ou políticos da Insurreição Comunista. Aquilo que passava apenas de uma ameaça imaginária ganha vida, unindo em propósito os apoiadores de seu governo.

²³ O Mourão que de se dizia Vaca fardada e o Mourão que posa de democrata (Nonato Guedes, revista online Os Guedes, 31 de janeiro de 2019)

²⁴ Plano Cohen: A consolidação do anticomunismo no Brasil (Orides Mezzaroba)

“Este foi um período dos mais duros de nossa história. Isso porque a partir do golpe branco de 1937 que o famigerado Estado Novo atingiu seu auge, com a criação do seu respaldo jurídico, com o controle absoluto da imprensa falada e escrita através do DIP, com o domínio dos sindicatos e organizações de massa pela polícia política, com a espionagem generalizada e com a repressão fascista mais brutal. Apesar de tudo, a direção do Partido conseguiu se firmar no Rio de Janeiro, montando seus aparelhos, sua imprensa ilegal, penetrando nas empresas, reatando suas ligações com os Estados.”(Bangu,1992,Pág. 106)

O clima descrito por Bangu e em suas próprias palavras era de guerra (1992, p.107) “O ambiente era tenso, de terror e de guerra e era nesse clima que tínhamos de trabalhar..concitar o povo para a luta contra o inimigo comum da humanidade, o nipo-nazifascismo” Nesse período estava trabalhando para o PC como escritor, escrevendo manifestos em uma tipografia que trabalhava na clandestinidade já que os manifestos comunistas por ele redigidos estavam sendo caçados pelo governo. O Nipo- nazismo se refere a característica do governo Vargas, uma perseguição Latino Americana porém é importante ressaltar que mesmo possuindo semelhanças com o nazi-fascismo, como o poder concentrado em um único chefe, a supressão das liberdades individuais ou o terror de uma polícia política, o Estado Novo não pode ser considerado totalitário. No elenco dos regimes de exceção ou de fato, ele surge como típico regime autoritário, comum nas ditaduras da América Latina. Isso porque não possuiu um partido oficial era apartidário nem posicionamento ideológico definido. Além disso, não conquistou um eleitorado ou as massas populares, como ocorreu na Itália Fascista e na Alemanha Nazista.

A forma de Bangu resistir ao Estado Novo foi através de sua escrita, jornais, panfletos e revistas com sua manifestação política eram entregues por todo o Brasil.

“Jornais e manifestos, aos milhares, eram entregues ao aparelho de organização para a distribuição. Outros candidatos voluntários às salas de torturas transportavam esse material em trens, navios ou caminhões para os mais longínquos rincões do país. Assim, a mesma palavra de incentivo de orientação podia ser lida pelo trabalhador amazonense, nordestino, gaúcho ou paulista. Esses leitores anônimos também eram candidatos eventuais às salas de torturas, porque alguém que fosse encontrado com um desses impressos era o suficiente para ser considerado suspeito de comunista e levado aos pavorosos tormentos medievais. Os candidatos às salas de torturas não eram grupos isolados de aventureiros e visionários. Eles faziam parte de uma cadeia imensa e poderosa espalhada por todos os países do mundo, disposta a esbarrar por todos os meios o avanço das hordas fascistas e assegurar o triunfo das forças do progresso e do socialismo.” (Bangu, 1992.p. 108)

Parte da perseguição se deu através do “Putsch” Integralista. A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi habilmente usada por Vargas na repressão aos comunistas, desde a Intentona de 35, e chegou mesmo a participar da trama que levou ao golpe de 1937. Ao ampliar a Segurança Nacional contra possíveis rebeliões de grupos revolucionários, tais como a Aliança Nacional Libertadora (ANL), que foi o principal responsável pelo levante comunista. O Estado Novo cerceou todas as liberdades dos cidadãos. Quem ficou encarregado de montar o aparelho de repressão estatal foi Filinto Müller, nomeado chefe da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (Desp). Müller era simpático ao nazismo, sobretudo à

polícia política alemã da época, conhecida como Gestapo. Para Bangu (1992, p. 107) “o que nos aguardava, caso fôssemos presos, sabendo claramente que éramos todos candidatos às câmaras de torturas dos carrascos de Felinto Müller.” A prisão e os métodos de tortura do Estado Novo tinham tanta repercussão que era temida por todos. No Livro ²⁵Getúlio Vargas: O poder e o Sorriso do historiador Boris Fausto, descreve sobre o caráter e flerte com o modo de governo nazista e suas técnicas militares, o pesquisador é considerado especialista do período Vargasista.

Infelizmente Bangu foi capturado e preso, ele e todos os seus colegas da tipografia caíram em uma emboscada policial. Capturado pelo Desp levado para a principal cadeia do Rio de Janeiro, chamada Casa de Correção onde depois será levado para a Colônia Correccional de Dois Rios (Ilha Grande, RJ), talvez o mais famoso dos presídios da época a receber presos políticos, o grande número de presos após o levante da ANL e do PC fez com que a população carcerária saltasse de 298 detentos em 1935 para 1.388 em 1936. Na conclusão de sua biografia Bangu descreve os dias de angustia e tortura ao qual viveu na ditadura Vargasista.

8 A PRISÃO E OS DIAS DE TORTURA SEM FIM

Os primeiros dias de cárcere são marcados pelo forte teor de violência física e psicológica. Góes Monteiro aquele que apresentou o plano Cohen para a cúpula militar, este chefe do Estado Maior do exército se interessou pelos processos de tática e organização militar adotados pelo Exército alemão e aqui introduzidos, havia poucos anos, pelo grupo de oficiais conhecido como “jovens turcos”. Em seu ²⁶depoimento a Coutinho (1956:2), ele se refere ao “autodidatismo em assuntos militares, principalmente depois que me deixei empolgar pelos ensinamentos do exército alemão em questões de tática e organização (...)”. A partir de 1921, Góis passa à influência da Missão Militar Francesa, que dirigia os cursos de aperfeiçoamento e estado-maior a que se dedicou, até 1924. Em várias oportunidades, Góis elogiou o trabalho da missão.

Implementados os métodos de tortura alemão no sistema de cárcere brasileiro, Bangu narra com detalhes toda violência por ele sofrida;

“Fui encostado a um canto da parede. Surgiu uma corda amarraram meus pulsos, um braço foi esticado para um lado e amarrado na maçaneta de uma das portas e o outro braço atado a outra maçaneta da porta do banheiro. A seguir, os pés também foram amarrados. Fiquei completamente imobilizado, de braços abertos como um crucificado. Abriram uma caixa de espetos de bambu, lisos, achatados, pontiagudos. Outros apetrechos: um alicate, um sarrafo curto para servir de macete, garrafas com líquidos, uma bacia. Um dos policiais aproximou-se e bradou: “Como é, seu f. da p., vai dar o serviço ou não vai? Ele verificou que eu não estava com nenhum desejo de dar serviço, pois continuei calado. Começou, então, a operação. Segurou firme um dedo de minha mão, colocou um espeto de bambu debaixo da unha e começou a bater com o sarrafo, como quem crava um prego. Contraí todos os músculos, cerrei os dentes. O espeto penetrou nas carnes, ultrapassou toda a unha. É impossível descrever aquela dor, tive que sufocar um urro na garganta” (Bangu, 1992,p.112)

²⁵ Fausto, Boris. Getúlio Vargas: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras. Acesso em: 28 out. 2023. , 2006

²⁶ Góes, Walder de. Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

Os métodos de tortura, envolviam a nudez, para deixar o indivíduo amedrontado, ao se sentir exposto, e enfiavam espetos de bambu debaixo das unhas dos dedos, um processo lento o que fazia com que o torturado durasse mais tempo ao compasso que confessasse aquilo que lhe era interrogado. Bangu descreve a frieza de seus torturadores;

“Enquanto eu me mantinha em silêncio, os monstros cantavam. Acompanhavam o seu nefando trabalho ao ritmo de um estribilho que servia na época de propaganda pelo rádio dos cigarros Adelfi, como se aquilo não passasse, para eles de um divertimento. Na sua gíria, os espetos passaram a ter o nome dos cigarros. Havia uma ligação entre a propaganda dos cigarros Adelfi e o “trabalho” dos carrascos. As carteiras desse cigarro traziam vales que davam direito a prêmios aos fumantes e os torturadores eram também premiados pelos seus chefes, sempre que conseguiam arrancar alguma confissão de suas vítimas. Uma ideia digna de seus autores.” (Bangu,1992,p.112-113)

O capítulo 17 do livro “Brasil – Uma Biografia”, de Lilia Schwarcz, antropóloga e Heloisa Murgel Starling, historiadora, vai contar a história do militarismo brasileiro e a influência estrangeira no processo de encarceramento, que vai desde a década de 30 até 64 com a Ditadura Militar. Segundo as pesquisadoras;

“A Delegacia Especial de Segurança Política e Social (Desp) atuava exclusivamente na repressão política e cuidava de receber denúncias, investigar, deter e encarcerar qualquer pessoa cuja atividade fosse considerada suspeita – sem necessidade de comprovar prática efetiva de crime. No comando da Desp – e da Polícia Civil – Vargas entronizou Filinto Müller. Na condição de chefe de Polícia, Müller não vacilou em mandar matar, torturar ou deixar apodrecer nos calabouços da Desp suspeitos e adversários declarados do regime. Pró-nazista, manteve através de sua delegacia um intercâmbio, reconhecido pelo governo brasileiro, com a Gestapo – a polícia secreta de Hitler – que incluía troca de informações, técnicas e métodos de interrogatório”

Como podemos perceber grande foi o financiamento em estrutura para que a repressão e funcionamento do Estado Novo tivesse sua eficiência; Bangu deixa claro como o sistema militar funcionava em sua serventia a Vargas;

“A ditadura do “Estado Novo” podia se vangloriar de que estava bem aparelhada para a repressão. Tinha salas de torturas, tinha torturadores treinados por técnicos nazistas e tinha médicos e enfermeiros para servi-los e acompanhá-los. Fabricavam aleijados, neuróticos e loucos, mas não faltavam enfermarias, hospitais e manicômios. Tudo isso ali mesmo, dentro do próprio velho casarão da rua da Relação. Matava e fabricava suicidas, mas os cemitérios estavam lá fora para enterrá-los. Transpor os portões dos calabouços fascistas era transpor as portas de um inferno.” (Bangu,1992, p.138)

Parte dessa grande estrutura do sistema carcerário do Estado Novo foi a criação de uma Ilha prisional chamada ²⁷Ilha Grande, uma Ilha no Rio de Janeiro, que funcionou como uma cidade prisional, havia casas e um hospital tudo construído pelos presos que inclusive podiam viver junto de seus familiares. Ao saber que iria para a Ilha Bangu temeu por sua vida, pois a mesma tinha a fama de obter o mais

²⁷ Heitor Ferreira Lima, Combates na História, p.169

elevado nível de tortura de todo o regime da ditadura, além do trabalho escravo para a construção da ilha;

“Fomos avisados da nossa ida para a Ilha Grande. A Ilha Grande, como presídio, tinha uma pavorosa fama...Era diretor do presídio, naquela época, o famoso Canepa, que se celebrou pelas crueldades que infligia aos presos em geral, que tinham a infelicidade de cair sob sua guarda. Presos comuns e presos políticos viviam sob regime de trabalho forçado, obrigados a carregar Vigas, perigosamente, pelas montanhas, sem ter em conta a constituição física e a saúde de cada um.”(Bangu,1992,p.144)

Se houvesse tentativa de fuga na Ilha, ele não seria considerado um fugitivo, este era levado ao diretor do presídio, naquela época, o famoso Canepa, que virou uma espécie de celebridade militar pelas crueldades e técnicas de tortura que infligia aos presos em geral, que tinham a infelicidade de cair sob sua guarda. Presos comuns e presos políticos viviam sob regime de trabalho forçado, obrigados a carregar Vigas, perigosamente, pelas montanhas, sem ter em conta a constituição física e a saúde de cada um. Os presos políticos como era o caso de Bangu tinham regimes mais brandos pois o cenário político no Brasil havia mudado, a II Guerra Mundial fez com que a perseguição aos comunistas de certa forma abrandasse.

Foi concedido aos presos políticos o direito ao declarar que estavam dispostos a lutar na guerra que recebessem a anistia, iriam para guerra caso fossem convocados, e quando retornassem terminaram suas penas, porém segundo Bangu não foi bem isso que aconteceu;

“Os presos políticos da Ilha Grande (nacionalistas, socialistas e comunistas) se consultaram e tomaram uma resolução com referência à guerra que o Brasil estava enfrentando, sob a bandeira das Nações Unidas, contra o nazi fascismo. De acordo com a resolução, nós, os presos políticos mencionados, nos colocamos à disposição do governo brasileiro a fim de seguirmos, voluntariamente, para o front da guerra contra o eixo nazifascista. Finda a guerra, voltaríamos dispostos a cumprir, normalmente, até o fim, as penas a que fomos condenados. O nosso oferecimento formal representava apenas uma tomada de posição, pois não tínhamos ilusões quanto a sua aceitação, não só pela absoluta falta de bases jurídicas mas também por motivos discriminatórios de caráter ideológico, fáceis de imaginar. A nossa decisão foi encaminhada através da direção do presídio. Entretanto, nenhuma resposta chegou até nós. Como fora previsto, a nossa proposta não foi sequer tomada em consideração.” (Bangu,1992,p.146)

A falta de direito dos presos, e os castigos constantes fizeram com que uma junta de presos escrevesse uma ²⁸petição ao Ministério da Justiça para que lhes fosse assegurado o direito à vida. Depois disso é concedido aos prisioneiros que suas famílias pudessem morar com eles, mas devido a miséria pela maior parte dos presos vivida, muitos familiares não partiam para a ilha mas para a sorte de Bangu sua mulher e seus três filhos chegam na ilha vivos; “Com mais de 2 meses de viagem, chegaram ao presídio da Ilha Grande, a mulher e os três filhos. Magros e queimados de sol, de fazer dó, mas chegaram. Ainda com saúde, alegres e felizes.”

²⁸ E o caso de Fernando Costa, Jair Alves Braga, Edson Martins Coelho, Sebastião Silva (AHN - MJNI- caixas 15 e 526, apud CANCELLI, p.207

Os castigos e mortes eram frequentes na Ilha, muitas obras relatam em suas memórias presos que viveram tal barbárie, uma das mais famosas é a obra Memórias do Cárcere do escritor alagoano Graciliano Ramos, preso político por ser simpatizante do PCB.

(...) vi a dois passos um soldado cafuzo a sacudir violentamente o primeiro sujeito da fila vizinha. Muxicões terríveis. A mão esquerda, segura à roupa de zebra, arrastou o paciente desconchavado, o punho direito malhou-o com fúria na cara e no peito. A fisionomia do agressor estampava cólera bestial; não me lembro de focinho tão repulsivo, espuma nos beiços grossos, os bugalhos duas postas de sangue. Os músculos rijos cresciam no exercício, mostrando imenso vigor. Presa e inerme, a vítima era um boneco a desconjuntar-se: nenhuma defesa, nem sequer o gesto maquinal de proteger alguma parte mais sensível. Foi atirada ao chão, e o enorme bruto pôs-se a dar-lhe pontapés. Longo tempo as biqueiras dos sapatos golpearam rijo as costelas e o crânio pelado. Cansaram-se enfim desse jogo, o cafuzo, parou, deu as costas pisando forte, soprando com ruído, a consumir uns restos de furor. O corpo estragado conservou-se imóvel. Estremeceu, devagar foi-se elevando, aguentou-se nas pernas bambas, mexeu-se a custo e empertigou-se na fileira, os braços cruzados, impassíveis.

Porém mesmo diante de tanta dor e sofrimento, o cenário mundial caminhava para o final da Segunda Guerra Mundial, decretada a derrota dos alemães o Brasil declara anistia para todos os presos do Brasil;

“No campo decisivo da Europa, pelo Leste, a fina flor do exército nazista era tangida de roldão pelo exército vermelho. Pelo Oeste, com a abertura da segunda frente pelos aliados, a fuga dos outrora orgulhosos representantes da pretensa raça superior era em sentido contrário, em direção a Berlim. No Sul, no front da Itália, onde combatia a valorosa Força Expedicionária Brasileira, fechava-se o grandioso cerco. Só restava às feras nazistas o seu próprio covil, onde seriam definitivamente dizimadas. 19 de abril de 1945. Foi decretada a anistia ampla para todos os presos políticos no Brasil.” (Bangu, 1992, p.152)

Bangu termina sua biografia comemorando sua liberdade indo morar no Rio de Janeiro, trabalhando como escritor em uma tipografia e voltando ao ativismo político agora não mais pelo partido, mas em sua comunidade local. ²⁹Agora nos anos 40 segundo Lemos Britto o PCB ao perder suas forças dá apoio ao governo Vargas o que contribuiu para a anistia ocorrer, porém é apenas um curto período de tregua até o Golpe Militar de 64.

9 CONCLUSÕES

A pesquisa faz um levante biográfico sobre a definição da Micro história e sua aplicação no campo teórico. Analisamos em seguida algumas noções que remetem ao estudo do indivíduo, a fim de explicitar os benefícios que a abordagem oferece.

Por fim, usamos como objeto de análise a vida de Bangu e seus relatos sobre a Intentona de 35, destacando a abordagem metodológica, ao usar suas memórias como suporte biográfico colocamos a micro história, um olhar visto de baixo nos contar uma nova perspectiva sobre o recorte histórico aqui escolhido.

²⁹ BEZERRA, Gregório. Memórias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979; 2ª edição :Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.

Equiparamos a Micro História a uma abordagem de múltipla utilidade e multifacetada alicerçada na mudança de escala de análise. Concluindo que a abordagem é preferida pelo pesquisador, não determinando como a mesma deve ser utilizada.

Esses pressupostos se aplicam quando tentamos alcançar os limites vividos pelo objeto de análise, seja pela miséria vivida no interior do sertão nordestino, até ser um representante internacional do Partido Comunista do Brasil, seu olhar como coadjuvante de um história pré definida, nos faz alcançar novas análises a historiografia, mostrando que a Micro História pode ser usada como suporte para análise de trajetória.

A pesquisa não teve como finalidade confrontar ou desacreditar a Macro História, mas sim usar como aparato a Micro história ao trazer um novo narrador a História. Bangu nos conta com detalhes um período de nossa história que muitas vezes é tratada de forma generalizada, relatos riquíssimos para o campo acadêmico, seja para o leitor avulso ou para suporte em sala de aula.

Deixo aqui um adendo, agradecimento em especial a biblioteca da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) que reuniu as memórias de Bangu e colocou em formato de livro disponibilizando a leitura para o corpo docente. Que empolgante é saber que o campo acadêmico tem se atentado na valorização dessas micro histórias silenciadas, seja pelo tempo, ou por questões sociais, classe social, que não tiveram até então o devido reconhecimento. Outrora é na preocupação na expansão da abordagem de novas narrativas que enriquecem o debate científico.

Lauro Reginaldo da Rocha, Bangu, morreu no dia 4 de abril de 1991, aos 83 anos, no Rio de Janeiro, pensava em voltar para sua terra, Mossoró, mas foi impedido, primeiro pelas urgências da militância e depois pelos desafios da sobrevivência, até seus últimos dias se dedicou a luta socialista, servindo a sua comunidade local. Ele não viveu para ver suas memórias publicadas, mas deixou um legado rico em conhecimento com seus relatos sobre a década de trinta. Aqui está um pouco da história negada, da história que se fez e se faz, cotidianamente, por rostos anônimos e corpos ignorados. E que no seu fazer contínuo, vão construindo para além da experiência da intolerância e exclusão, uma teia de possibilidades a serem concretizadas. Nele, não encontraremos a voz que se mostra, mas que se esconde e, ao esconder-se, é que se dá a conhecer em toda a sua grandeza, em toda a sua humanidade e que enriquecem a nossa História.

REFERÊNCIAS

A entrevista foi realizada no dia 7 de outubro de 2011, em Copacabana, no Rio de Janeiro. tema- **Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema**. Acesso em 16 de julho de 2023. Copyright © 2023, Tribuna do Paraná. "Veja mais sobre **"Estado de Sítio"**" em: <https://brasilescola.uol.com.br/politica/estado-sitio.htm> acesso 17 de julho de 2023.

ALVES, Jéssica Santana. **Possibilidades no estudo de indivíduos: a micro história como aparato para analisar trajetórias**.

ASSUNÇÃO, Moacir. **Luís Carlos Prestes - Um revolucionário Brasileiro**. (2007).

BARRETO, Bruno. **A comuna do RN: como um sapateiro, um estivador, um sargento e um servidor público transformaram Natal na primeira capital comunista das Américas.** (2020).

BARRETO, Bruno. **A comuna do RN: como um sapateiro, um estivador, um sargento e um servidor público transformaram Natal na primeira capital comunista das Américas.** Publicado em 2020.

BEZERRA, Gregório. **Memórias.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979; 2ª edição :Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.

BRAUDEL, Fernand. **O mar mediterrâneo.**

BURKE, Peter. **A escrita da história. Capítulo Um: Micro história.**

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência: a polícia na Era Vargas. 02. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.**

CARLOS & CARVALHO, Ana Emília e Henrique. **Escolarização e Analfabetismo no Brasil: Estudo das Mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930).**

CASTRO, Nei Leandro. **As Dunas Vermelhas Romance em tempo de Rebelião.** AS Editores, 2003.

CHRISTINE, DELORY-MOMBERGER; Universidade de Paris 13; Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira; Revisão técnica de Fernando Scheibe. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica.**

CORTEZ, Luiz Gonzaga. **A Revolta Comunista de 1935 em Natal Relatos de Insurreição que gerou o primeiro soviete nas Américas.**

CORTEZ, Luiz Gonzaga. **A Revolta Comunista de 1935 em Natal Relatos de Insurreição que gerou o primeiro soviete nas Américas.**

COSTA, Homero de Oliveira. **A Insurreição Comunista de 1935 – Natal, o primeiro Ato da Tragédia.**

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso.** São Paulo: Companhia das Letras. Acesso em: 28 out. 2023. , 2006.

GINZBURG, Carlo. **A micro história italiana - escalas, indícios e singularidades.**

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais.**

Giocondo Dias. **A Vida de um Revolucionário (Agir 1993).**

GÓES, Walder. **Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

GRACIA, San José. **Pueblo em vilo: micro história.** Publicada em 1968.

GUEDES, Nonato. **O Mourão que de se dizia Vaca fardada e o Mourão que posa de democrata.** (Revista online Os Guedes, 31 de janeiro de 2019)

LEVE, Giovanni. **Herança Imaterial.**

LEVE, Giovanni. **O queijo e os vermes.**

LEVE, Giovanni. **Os andarilhos do bem.**

LIMA, Heitor Ferreira. **Combates na História, p.169.**

LOPES, Marcos. **Insurgência Vermelha: quando o Rio Grande do Norte viveu quatro dias na intentona comunista (2012).**

LOPES, Marcos. **Insurgência Vermelha: quando o Rio Grande do Norte viveu quatro dias na intentona comunista.** Publicado em 2021.

MAIA & Melo, Isaura Amélia e Laélio Ferreira. **1935 Setenta anos depois.**

MAIA & MELO, Isaura Amélia e Laélio Ferreira. **1935 Setenta anos depois.**

MAIA, Isaura Amélia. **1935 Setenta anos depois.**

MEZZARROBA, Orides. **Plano Cohen: A consolidação do anticomunismo no Brasil.**

NETO, Alexandre Ribeiro. **A micro história como aporte teórico para os estudos em história da educação.** (Dr. em educação pela UERJ).

NOVAES, André. **Consenso de Washington: crise do Estado Desenvolvimentista e seus efeitos sociais – um balanço crítico.**

NOVAES, André. **Consensus de Washington: crise do Estado Desenvolvimentista e seus efeitos sociais – um balanço crítico.**

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro, (2015).**

RESENDE, Marcos Taroco. **Um Minotauro às margens do lago Michigan: a Escola de Chicago enquanto objeto historiográfico.** (Doutorando em Economia pelo Cedeplar/UFMG).

REVEL, Jack. **Jogos de escalas.**

REVEL, Jacques. **Micro história, macro história: o que as variações da escala ajudam a pensar em mundo globalizado**, publicado na Revista Brasileira de Educação, publicado em 2010.

Revista Tribuna: **Escola de Chicago e a transformação social**. Leia mais em <https://www.tribunapr.com.br/mais-pop/escola-de-chicago-e-a-transformacao-social/>
REZENDE, João. **A Intentona Comunista no Rio Grande do Norte (1930-1937)**, 1997.

REZENDE, João. **A Intentona Comunista no Rio Grande do Norte (1930-1937)**. Publicado em 1997.

ROCHA, Lauro Reginaldo. **Bangu Memórias de um militante**. Organizadora Brasília Carlos Reis, 1992.

SANTANA, Antônio Gabriel. **Breve história da crítica marxista ao Facismo: disputas e elementos de análise**. (UFRGS) Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, Hélio. Getúlio Vargas: **biografia política** . (1980).

SILVA, Hélio. **Getúlio Vargas: biografia política** .Publicado em 1980.

TEIXEIRA, Maria Renata. **A Micro história como metodologia no processo educacional: uma nova abordagem no ensino de história na educação básica**. (Mestranda em Educação, Ensino e Humanidades Faculdade de Educação - UFMG).

VAINFAS & CARDOSO, Ciro Flamarion e Beraldo. **Novos domínios da História**.

VAINFAS, Ronald. **Um ensaio no Brasil sobre a micro história**.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de dedicar este espaço para expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho de conclusão de curso. Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora Josilene Pacheco, pela sua dedicação, orientação e paciência ao longo deste processo. Seu apoio foi fundamental para que eu pudesse desenvolver um trabalho consistente e enriquecedor. Aos professores e colegas da instituição, agradeço por compartilharem essa jornada de crescimento e desenvolvimento acadêmico.

Quero também expressar minha gratidão especial à minha família, a minha mãe Ana Neta que me ofereceu todo suporte necessário para finalizar o curso. Sem o apoio de meus pais, irmãos, essa conquista não seria possível. Este TCC é o resultado de um esforço coletivo, e sou imensamente grata por cada pessoa que fez parte desta jornada acadêmica. Que este trabalho possa contribuir de alguma forma para o avanço do conhecimento em nossa área. Obrigado a todos que fizeram parte desta trajetória comigo.